

REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro, Adersen-Editores, 1932. 183 p.

Eis um romance que não podemos aconselhar a todos os leitores. É um livro de naturalismo feroz, que talvez repugne às almas tímidas e às leitoras da *Bibliothèque Rose*.

Feita essa restrição, ditada *cum grano salis*, devemos dizer que não é para nós a advertência. Achamos o livro admirável e digno do entusiasmo que vai despertar entre os leitores circunspectos sem antiquados preconceitos, um tanto deslocados do nosso tempo.

É a história exata e natural de uma criança, órfã de pai e mãe, e naturalmente malcriada, ou sem poderosos freios de repressão familiar. É possível mesmo admitir que o *Menino de Engenho* não tem muita culpa nessa autobiografia que faz do momento que nasceu até os doze anos de idade.

Nesse tempo viu muita coisa, aprendeu o bem e o mal, quais se lhe antolharam na vida e adquiriu talvez uma precocidade terrível acerca dos "assuntos proibidos", mas inevitáveis. A pintura é magistral e verdadeira. Quem quer que conheça os nossos costumes, só por hipocrisia ou afetação pode negar o espetáculo das superstições, dos vícios degradantes e dos aspectos da vida rural, que se escondem na idade viril, mais tarde, ao sabor das conveniências sociais e domésticas.

O autor, porém, não guarda esses recônditos segredos nas páginas do livro. O seu destemido naturalismo apresenta-se-nos à luz do sol, qualquer que seja a inconveniência das verdades.

O menino, cuja história é narrada no livro, acaba viciado, avariado, aos doze anos, no momento de entrar para o colégio. Chega ao internato com a experiência da rua terrível. Que será dele, ou dos outros rapazes, quando com eles entrar em convivência? Eis o que o romance não nos diz, porque é apenas a história da infância, antes de qualquer paixão juvenil. Pode ser que a autobiografia venha a ser continuada, mas a narrativa termina definitivamente no período infantil.

Ora, nesse breve lapso de tempo, assistimos a coisas surpreendentes, ao vício de "barranquear os animais", como se diz no Sul, e a libido de uma professora que acaricia com mais volúpia que ternura a criança de oito anos a quem ensina a ler, e como se vê, *otras cositas más*. Puro Freud.

Há cenas de profunda emoção da vida dos escravos, do "tronco" e dos castigos bárbaros do outro tempo ainda não muito distante.

A pintura da "enchente" do rio é uma das mais belas que temos lido, assim como a do "lobisomem", superstição vulgar em todo o Brasil. O romance passa-se na zona fronteiriça entre Pernambuco e Paraíba, como o acusam as paisagens e a vida dos engenhos de açúcar.

São muitos na região os bandidos, mas também há almas puras e angélicas, que o romance não esquece, para honra da espécie humana.

Do outro lado, há a mulata Zefa Cajá, que perverte o menino, que aliás a buscava lubricamente, sob o impulso irrefreável do sexo.

Ora, bem examinadas as coisas, este livro pungente é de uma realidade profunda. Nada há que não seja o espelho do que se passa na sociedade rural e nas cidades do Norte e do Sul. É de todo o Brasil e um pouco de todo o mundo. O seu realismo pode acaso desagradar a algumas pessoas que não amam a verdade senão colorida e engalanada em eufemismos convencionais. É a vida, tal como ela é; por isso mesmo, empolga a atenção e a curiosidade do leitor.

O autor, bem se vê, é um homem novo, escritor desabusado, mas completo, e cheio de talento, conhecedor da sua arte.

O nosso colega Ribeiro Couto fez, ainda há pouco, um vocabulário pito-

resco dos modismos e dizeres que ocorrem no último livro de Rachel de Queiroz, a romancista cearense. Poderia ele, com igual cuidado, anotar de modo interessante o vocabulário de *Menino de Engenho*, embora tivesse de adotar algumas limitações que impõe a ética jornalística. Seria uma contribuição de valor, como a outra, e talvez mais curiosa ainda.

Quanto a nós, achamos que esse livro é um dos tipos de "brasilidade" da nossa literatura. Nele não há a preocupação do regionalismo, é a expressão viva da linguagem do Norte, alheia ao vernaculismo de artifício da literatura corrente.

É um livro de primeira ordem.

JOÃO RIBEIRO
(Jornal do Brasil, 8 set. 1932)